



DIÁLOGOS INTERARTES: IMAGEM, HISTÓRIA, LEGIBILIDADE

Carmen Lucia Tindó Secco

Professora Emérita da UFRJ, Titular de Literaturas Africanas
Editora-Chefe da Revista *Mulemba* da UFRJ
carmen.tindo@letras.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0002-6649-2971>

Guilherme de Sousa Bezerra Gonçalves

Professor do Colégio Pedro II
Pós-Doc em curso no PPGLEV/UFRJ em 2025-2026
Editor colaborador da Revista *Mulemba* da UFRJ
guisbezr@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0000-1760-4861>

Julia Goulart Silva

Professora Substituta de Literaturas Africanas na F. Letras/UFRJ
Bolsista Pós-Doc Nota 10 da FAPERJ
Editora colaboradora da Revista *Mulemba* da UFRJ
juliagoulart@letras.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0001-5537-4593>

Marlon Augusto Barbosa

Professor Adjunto de Literatura Portuguesa da UFRJ
Substituto eventual Chefe do Departamento de Letras Vernáculas/UFRJ
Coordenador do Setor de Lit. Portuguesa-F. Letras/UFRJ
Editor-Chefe da Revista *Mulemba* / UFRJ
marlonaugusto@letras.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0003-2312-3110>

DOI

10.35520/mulemba.2026.v18n34e73978

Recebido: 26 mai. 2026

Aprovado: 26 mai. 2026



A *Mulemba* adota a licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

O presente dossiê publica, entre os artigos recebidos, alguns dos textos apresentados no simpósio “Diálogos interartes: imagem, história, legibilidade”, durante o IX Congresso de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e I Congresso Nacional da AFROLIC, realizados na Universidade Estadual do Maranhão -UEMA, em São Luís, de 4 a 6 de junho de 2025.

O viés interdisciplinar dos estudos interartes permite uma possibilidade de leitura do texto literário não como ocorrência isolada, mas sim como manifestação inserida na tessitura complexa e dinâmica do campo cultural. Atentando para diálogos que poetas e autores de ficção africana, de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, estabelecem com outros sistemas artísticos – como a pintura, a escultura, a fotografia, o cinema, o teatro, a música e a dança –, a proposta deste dossiê teve como objetivo principal reunir artigos que abordassem o texto literário em sua vigorosa dimensão, que se constitui em interação com outros discursos, aberto a confabulações com outros olhares e outras vozes, ou, antes, com outros modos de ver e de dizer.

E, se, por um lado, esta perspectiva que visa mirar além da literatura leva à compreensão de suas relações externas (com outras realizações estéticas), ela se reverte, também, num movimento complementar, em possibilidade de compreender melhor a sua estrutura intrínseca, os seus procedimentos próprios, reconhecidos face àqueles que toma emprestados a outras linguagens.

O tema da correspondência das artes já foi alvo de vários estudos, cujas concepções variaram através dos tempos e em função de diferentes pontos de vista. Na Antiguidade Clássica, por exemplo, as artes eram dicotomizadas em espaciais (a pintura, a escultura e a arquitetura) e em temporais (a poesia, a música e a dança). Atualmente, essa dicotomia já foi, em grande parte, ultrapassada, e isso se deve, entre outras contribuições, às dos estudos de Lessing e de Etienne Souriau, para quem:

Nada mais evidente do que a existência de um tipo de parentesco entre as artes. Pintores, escultores, músicos, poetas são levitas do mesmo templo. [...] As artes plásticas contêm um tempo essencial, sendo as artes rítmicas tão espaciais quanto as ditas artes do tempo (Souriau, 1983, p. 14).

Hoje, a maioria dos estudiosos das artes sabe que essas “nunca são apenas intra-estéticas” (Geertz, 1999, p. 146), pois se entrelaçam não só por meio de fios visíveis presentes nas relações intersemióticas entre textos literários, composições musicais e telas pictóricas, mas também por invisíveis elos que estabelecem entre os objetos artísticos analisados uma interconexão semiológica, cuja interpretação faz aflorarem significados submersos, inscritos no imaginário coletivo relativo aos contextos sociais onde se geraram as referidas obras de arte. Essas são produtos culturais e refletem criticamente as sociedades e os imaginários locais.



Segundo Georges Didi-Huberman, os diálogos interartes operam com imagens sobreviventes de diferentes épocas, criando novas figurações, cujos sentidos ampliam e/ou subvertem significações imagéticas anteriores. Para ele, uma obra de arte resiste historicamente, tendo em vista não pertencer a um tempo linear, mas sim a temporalidades heterogêneas que se cruzam e se tensionam, trazendo imagens do passado, reinventadas no presente e que se projetam no futuro. Por tal razão, o anacronismo, de acordo com o pensamento do referido filósofo, é essencial para as imagens poderem sobreviver e se recriarem historicamente, rompendo com a linearidade temporal, de modo a preencherem profundas lacunas da história oficial e possibilitarem a construção de uma nova história, aberta, crítica, capaz de lidar com diversos fragmentos de imaginação e tempo.

A imaginação não é, como frequentemente acreditamos, abandono às miragens de um único reflexo, mas construção e montagem de formas plurais postas em correspondência: é por essa razão que, longe de ser um privilégio do artista, ou uma pura legitimação subjetivista, ela é parte integrante do conhecimento no seu movimento mais fecundo, ainda que – porque – o mais arriscado (Didi-Huberman, 2020, p. 173).

Dessa forma, imaginação e montagem se encontram intimamente relacionadas, propiciando a elaboração de linguagens poéticas questionadoras, cujas imagens se afastam de clichês e estereótipos. Portanto, para Didi-Huberman, inspirado em Walter Benjamin, o passado nunca é acabado. Quando admiramos uma obra de arte, há uma superposição de temporalidades e sentidos, pois tomamos conhecimento do tempo em que a imagem foi criada no instante presente em que a contemplamos.

Sendo a arte o “testemunho mais antigo e eloquente da presença do homem sobre a Terra” (Balogun, 1980, p. 39), foi de nosso interesse solicitar artigos que discutissem o tema da interarte e aprofundassem análises de crítica literária em conversação com outras linguagens artísticas. Do pequeno caos instaurado pela imagem – uma cosmo(a)gonia do olhar –, abrem-se modulações de luz, cores, palavras, pedra, barro e gestos, que dão forma ao mundo por meio da obra de arte. Partindo de sua dimensão inquietante e crítica, que coloca em relevo outras maneiras de dar a ver o real, nosso objetivo seminal foi “desarmar o canhão da língua portuguesa” (Rui, 1987, p. 309) e “retomar a iniciativa criativa na história” (Thiong’o, 2025, p. 42) em textos e contextos de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Levando em consideração tais perspectivas teóricas, o dossiê priorizou artigos que, com base em reflexões interartísticas e interdisciplinares, teceram elos entre Literatura, Cinema, Música e, por vezes, também entre outras obras artísticas, explorando diferentes

leituras de como a História e a Geografia são postas em cena e como os saberes migram de um lugar para o outro – sempre em trânsito –, tensionando pensamentos e colocando em evidência determinadas perspectivas de pensar o mundo como práticas ética e estética.

Abrimos esta edição com o artigo da pesquisadora Simone Caputo Gomes, intitulado “Metamorfoses de representação: uma Afrodite/Vênus crioula”. O ensaio analisa o romance *A Vênus crioula*, de Vera Duarte, investigando relações entre literatura e artes visuais. A partir de diferentes campos teóricos, Simone Caputo discute as transformações da imagem da Afrodite/Vênus na História da Arte e sua permanência até a contemporaneidade.

O segundo artigo, “‘Está tudo em chinês’: figurações da China, dos chineses e do trabalho nas formas artísticas em Angola”, da investigadora Andrea Cristina Muraro, versa a respeito da representação da China em diferentes obras produzidas ao longo do tempo, desde *Cartas de Pequim* (2003), de Viriato da Cruz, até produções mais recentes de escritores, como Pepetela (1985; 2009; 2015) e Ondjaki (2012), e produções cinematográficas, como o filme angolano *Nossa Senhora da loja do Chinês* (2022), de Ery Claver.

Bernardo Nascimento de Amorim e Dalyson dos Santos Oliveira, em coautoria, assinam o terceiro artigo do dossiê, intitulado “E acenam-se os corações: aproximações do universo Nyaneka através da poesia e do cinema de Ruy Duarte de Carvalho”. O texto discute como Ruy Duarte de Carvalho articula Poesia, Antropologia e Cinema na representação da cultura Nyaneka, do sudoeste de Angola. A análise parte do livro *Ondula, savana branca* (1982) e da série documental *Presente angolano, tempo mumuila* (1977-1979), do mencionado escritor e cineasta angolano.

O quarto artigo, “*A última prostituta*, de Licínio Azevedo, e a necropolítica: uma denúncia por meio da arte com o jornalismo”, também em coautoria, foi produzido pelas pesquisadoras Maria Beatriz Rodrigues da Silva e Renata Beatriz Brandespin Rolon. O estudo interpreta o documentário *A última prostituta*, de Licínio Azevedo, destacando as relações entre jornalismo e cinema no trabalho de denúncia e de resistência contra a necropolítica.

O quinto artigo, “Canto da lira quebrada por Francisco Guita Jr. e Lara Sousa”, da autoria de Gabriel Dottling Dias, a partir de um olhar interartístico, analisa a poesia do escritor moçambicano Guita Jr. e o filme *Fin* (2018), da cineasta também moçambicana Lara Sousa, refletindo acerca de como a ruína – com base na conceituação de Walter Benjamin e na releitura desse conceito benjaminiano feita pela pesquisadora Martha Alkimin – aparece nas obras dos dois autores, tanto por imagens poéticas, como filmicas.

O sexto artigo, “Um pedaço de mundo inteiro: de Bach a Hirondina Joshua”, subscrito por Karen Belarmino Lourenço da Silva, propõe uma leitura interartística entre poesia e música, investigando, no poema “Fuga em Ré Menor” (2016), da poeta moçambicana Hirondina Joshua, a referência a Bach, partindo da premissa de que o poema, tendo em vista seu título, articula-se, diretamente, à “Tocata e Fuga em Ré Menor” (1703-1709), do mencionado compositor alemão, considerado, por seu enorme talento, um músico completo.

Encerramos o dossiê com o sétimo artigo, “Poéticas afrofuturistas: entre utopia, distopia e ficção científica em *O quase fim do mundo*, de Pepetela”, redigido por Rodrigo Valverde Denubila. O ensaio efetua uma análise do romance *O quase fim do mundo* (2008), do escritor angolano Pepetela, à luz do afrofuturismo e das categorias de utopia e distopia, com base em Mark Dery (1994) e Ytasha L. Womack (2013), realizando, também, uma contextualização interartes, com referências ao filme *Pantera Negra* (2018) e a produções da cultura pop.

Na seção Temas Livres, há dois artigos: “Os motivos do poema: poesia e pensamento em Glória de Sant’Anna, Cecília Meireles e Sophia de Mello Breyner Andersen”, assinado por Dênis Augusto Sousa da Silva, e o intitulado “História, literatura e verdade em José Luandino Vieira: os casos de *Nosso musseque* e *O livro dos guerrilheiros*”, da autoria de David Pereira Júnior.

O ensaio de Dênis Silva explicita reflexões acerca da relação entre poesia e pensamento nas obras de Sophia de Mello Breyner Andersen, Cecília Meireles e Glória de Sant’Anna, comparativamente. Com base nos pensamentos de Jean Luc-Nancy, em *Resistência da poesia*, e de Jacques Derrida, em “Che cos’è la poesia?”, estuda “os motivos da poesia” enquanto obra de arte autônoma que produz conhecimentos contidos em si, concebendo a poesia como expressão artística de sua própria teoria.

O artigo de David Pereira Júnior fecha a edição da *Mulemba* 34, discutindo as relações existentes entre história, literatura e verdade. Amparado teoricamente em Walter Benjamin quando este contrasta os conceitos de historicismo e materialismo histórico, o autor do artigo analisa como o escritor Luandino Vieira traz a discussão para o campo da ficção, por meio da figura de seus narradores e de artifícios ligados à metaficção.

Finalizamos esta Apresentação, ressaltando que o dossiê, propondo uma abordagem crítico-interpretativa da literatura em interação com outras artes e com a história, pretendeu contribuir para os estudos comparatistas serem capazes de criar, cada vez mais, intertextos artísticos bastante críticos e de notada produtividade estética. Esperamos, assim, que a leitura dos artigos aqui publicados venha a ser inspiradora de novas produções interartísticas.



Referências

BALOGUN, Ola. Forma e expressão nas artes africanas. *In: Alpha Sow et alii. Introdução à cultura africana*. Lisboa: Unesco/Edições 70, 1980.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Trad. Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. São Paulo: Editora 34, 2020.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. 2.ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

RUI, Manuel. “Eu e o outro – o invasor (ou em três poucas linhas uma maneira de pensar o texto)”. *In: Sonha, Mamana África*. São Paulo: Epopeia, 1987.

SOURIAU, Etienne. **A correspondência das artes**. Trad. de Maria Cecília Pinto e Maria Helena Cunha. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1983.

THIONG’O, Ngugi Wa. **Descolonizando a mente**: a política linguística na literatura africana. Tradução de Hilton Lima. Porto Alegre: Dublinense, 2025.

